



Avante!

ORGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

DECLARAÇÃO DE JANOS KADAR,

Presidente do Conselho do Governo Revolucionário Operário e Camponês da Hungria

Ao enviado especial de «L'Humanité», André Stil

É preciso mostrar a verdade a todo o mundo. Estamos reconhecidos ao Partido Comunista Francês pelo papel que tem desempenhado no esclareci-

mento desta verdade, nomeadamente com a vossa vinda aqui. É uma grande ajuda para o Partido Socialista Operário Húngaro, para o povo húngaro. É o que

se passou não interessa somente o movimento operário, mas todo o movimento progressista do mundo. Trata-se da defesa não somente do socialismo mas da paz.

As três causas dos acontecimentos

A primeira são os erros que realmente existiram nos métodos de direcção do Partido e do país. Métodos que prejudicavam gravemente a ligação do Partido e do governo com as massas populares.

A segunda causa é que, se era justo ver esses erros, a maneira como a crítica foi feita foi má. Por exemplo, a corrente que, no Partido, via melhor estas deficiências caiu no erro de levar a discussão para fora do Partido, quando a devia conduzir dentro do Partido. Da mesma maneira, questões houve que podiam ser reguladas no seio do governo e que foram trazidas para a rua.

A terceira causa é que a contra-revolução, encorajada por certos meios imperialistas, escolheu o momento favorável e aproveitou-se do movimento para os seus desígnios.

Estas três causas eram sensíveis no curso dos acontecimentos e nas diferentes camadas que neles participavam.

É verdade que, na primeira manifestação de 23 de Outubro, as palavras de ordem colocadas eram sobretudo palavras de ordem de democratização do funcionamento do Partido e do governo

e não se opunham ao socialismo. Mas, desde esta primeira tarde, sentia-se a mão da reacção. A maior parte dos estudantes que participavam nesta manifestação não tinham a intenção de derrubar o regime. Eles acreditavam também que se tratava dum movimento espontâneo. Mas um certo número de factos, como a declaração de Dulles, reconhecendo que sabia de antemão o que ia passar-se na Hungria, mostram a realidade.

Da mesma maneira, após o fim dos combates, foram encontrados jovens armados diante da casa de Gerő. Foi-lhes perguntado onde tinham obtido as suas espingardas e eles declararam que, no dia 23 ao meio-dia, portanto antes da manifestação, lhes haviam dito: «Ide esta tarde a este local da montanha de Szabadság e encontrareis armas escondidas.»

Esta característica surgiu mais nitidamente ainda nas três primeiras horas da batalha que começou logo na primeira tarde. Jovens que se tinham manifestado diante do monumento do general Bem, foram manifestamente orientados segundo um plano, em três direcções bem definidas. Um primeiro grupo encarre-

gava-se de ir ao Parlamento apresentar uma lista de reivindicações. Um segundo grupo foi incumbido de derrubar a estátua de Stáline. Um terceiro foi enviado à Rádio para exigir a leitura ao microfone de quinze pontos reivindicativos.

Foi lá que foram disparados os primeiros tiros. Importa dizer, para a compreensão dos acontecimentos, que foram os manifestantes que abriram fogo sobre os soldados que guardavam a Rádio: é preciso salientar que os soldados da Rádio tinham recebido a ordem formal de não se servirem das suas armas.

Da mesma maneira, também no dia seguinte de manhã e ao meio-dia, quando foi necessário enviar tropas húngaras para proteger diferentes postos, elas dispunham apenas de cartuchos sem balas e os tanques não dispunham de munições para atirar. O governo fez o impossível para evitar derramamento de sangue.

Posso afirmar que os soldados que protegiam a Rádio, assim atacados na primeira tarde, pediram ordem para disparar, a fim de poderem defender-se. Esta ordem só foi dada depois de ter sido morto o oficial que comandava a defesa da Rádio.

Direcção militar bem preparada

Mas, enquanto os manifestantes eram assim orientados em três direcções, outras forças entravam já em acção. Depois das 19,30, durante três horas, assistimos aos factos seguintes.

Um grupo armado tomou a secção das linhas estrangeiras do «centro Joseph» (centro telefónico). Ao mesmo tempo, um outro grupo foi apoderar-se dum

depósito de 60 camiões. Um terceiro atacou o jornal «Szabad Nep» e a sua tipografia. Um quarto tomou de assalto a fábrica de lâmpadas transformada em fábrica de armamentos. Um quinto grupo, enfim, atacou um depósito de munições da rua Timoth. Em seguida, com os camiões, os contra-revolucionários dirigiram-se à rua Timoth e à fábrica de

lâmpadas, carregaram uma grande quantidade de armas e de munições e os acontecimentos tomaram uma maior amplitude. Estes factos mostram que nos encontrávamos, desde este momento, em presença duma direcção militar bem preparada. Estava-se já longe do que pensavam os jovens estudantes que tinham desencadeado as manifestações.

Paralelismo significativo

Pode fazer-se um paralelismo significativo. Em 1919, quando os contra-revolucionários atacaram, em junho, a

Comuna húngara, concentraram-se sobre dois objectivos. Um grupo de vedetas disparava do Danúbio sobre um

hotel à beira-rio e sobre o Parlamento onde trabalhava o comité operário e o governo. Um segundo grupo armado

ocupava, como em 23 de Outubro de 1956, a mesma secção do «centro Joseph».

Os factos desenrolados nas três primeiras horas caracterizavam significativamente o papel desempenhado pela reacção no movimento logo desde o começo.

Depois disto, desenvolveram-se em Budapeste acontecimentos bastante diferentes dos que se verificavam na província. Em Budapeste estava-se em presença de combatentes armados, mas a batalha era cada vez mais difícil e confusa na medida em que o governo, o exército e as outras unidades de defesa húngaras e o exército soviético queriam limitar ao máximo a efusão de sangue. As forças de defesa não atacavam nunca, elas pro-

tegiam os postos ameaçados. Além disso, não podia travar-se um combate segundo as regras militares dado que um certo número de manifestantes enganados, sem armas, eram ainda agastados pelas palavras de ordem de democratização por detrás das quais se acobertava a contra-revolução. Nestas condições, a ordem de não atirar fazia com que os soldados húngaros estivessem desorientados. Era ao abrigo destes manifestantes sem armas que os pequenos grupos armados atacavam os seus objectivos e as forças de defesa e as desarmavam. Os soldados saíram, assim, dos seus tanques, sem luta; apercebiamo-nos então que na manifestação dita pacífica apareciam,

como por acaso, elementos que não ignoravam nada do funcionamento dum tanque e sabiam muito bem para onde se dirigiam.

Na província, as características eram completamente diferentes. Nas cidades tratava-se sobretudo de manifestações sob palavras de ordem que não punham em causa o socialismo. Depois destas manifestações, as pessoas voltavam para suas casas. Entretanto, grupos armados de 20 a 50 homens percorriam rapidamente as aldeias, 10, 15 aldeias em poucas horas, e massacravam todos os comunistas que encontravam: presidentes de conselhos locais, membros da polícia, simples operários e camponeses.

Massacres contra-revolucionários

Esta confusa situação provinha de que as pessoas arrastadas para as manifestações não eram contra o socialismo, acreditavam firmemente que trabalhavam no sentido do socialismo, quando os factos, a orientação do movimento eram manifestamente contra-revolucionários. Os contra-revolucionários, que estavam por detrás do movimento, manobravam com grande habilidade. Talvez nunca uma contra-revolução tenha sido tentada com tanta habilidade. Eles tratavam de esconder bem as suas próprias palavras de ordem e avançavam a coberto das palavras de ordem que não se opunham ao socialismo, que tinham uma feição revolucionária. Abandonaram esta camuflagem quando pensaram que tinham ganho a partida. Campeou então, abertamente, a pior contra-revolução branca e a verdade tornou-se muito mais visível. Foi a partir de então que muitos combatentes começaram a

entregar as armas.

Os terroristas manobravam a favor do cessar-fogo que era aplicado unilateralmente, apenas do lado das forças de defesa, pelo governo de Imre Nagy.

O exército soviético tinha-se retirado de Budapeste. Deu-se então o ataque à sede da federação do Partido em Budapeste onde agora se sabe que 60 pessoas foram massacradas, dentre as quais o camarada Imre Mezö. Produziram-se ali cenas sem nome: homens vivos a quem arrancaram o coração e outros órgãos. Uma mulher foi assassinada a pontapé. Outras semelhantes foram levadas a cabo noutras sedes. Assim começaram os massacres contra-revolucionários em Budapeste e em Csepel. Nessa tarde as árvores da Avenida Stáline e do Parque da Cidade estavam cheias de enforcados. Estes factos ocorreram durante o governo de Imre Nagy. No campo, os massacres recommençaram também.

Mindszenty manobra ainda

É então que, para não deixar prosseguir o terror branco, para não deixar anular o poder do povo, o nosso governo decidiu apelar para o exército soviético a fim de salvar o socialismo e a paz.

A contra-revolução foi vencida em poucas horas. Em Budapeste, o cuidado em limitar ao máximo as destruições fez com que a retomada de alguns pontos de resistência demorasse um dia ou dois.

A partir de então, a contra-revolução mudou de tática. Substituiu as armas pelo apelo à boicotagem e à greve. Tenta retomar a primitiva atitude, esconder-se por detrás de diferentes palavras de ordem que podem ainda influenciar certas camadas do povo, inclusive a classe operária. Por exemplo, agita a palavra de ordem do regresso de Imre Nagy para a chefia do governo, mas

não é difícil de adivinhar donde vêm estas palavras de ordem quando se sabe que o cardeal Mindszenty, da embaixada estrangeira onde está refugiado, acaba também de exprimir a sua preferência por um governo de Imre Nagy.

Estas manobras políticas combinam-se com uma série de acções terroristas e com a difusão sistemática de falsas notícias.

Trata-se agora de fazer penetrar a verdade entre os trabalhadores que saem desorientados destes acontecimentos, principalmente à força de não ouvirem falar senão de erros.

Fui falar pessoalmente aos operários em várias empresas, mostrei-lhes que a classe operária não se pode deixar dirigir por elementos que lhe são estranhos,

por ideias estranhas. Desde então, não há dúvida que a imensa maioria dos trabalhadores deseja o regresso à vida normal e, para isso, o regresso ao trabalho. Estamos convencidos do sucesso na defesa e na consolidação das conquistas socialistas na Hungria, de novos progressos socialistas na correção dos erros do passado. Seremos compreendidos pelo povo. Ele sabe que nas questões fundamentais, na nacionalização das fábricas, na colectivização da terra, na construção socialista, a posição justa era a do Partido. Sabe que o defensor consequente do povo foi sempre o Partido. A classe operária, os camponeses, os intelectuais progressistas da Hungria estão convencidos que os seus interesses estão no socialismo e eles saberão defender as suas conquistas.

Solidariedade franco-húngara

Sabemos da luta que o povo francês conduz actualmente contra os empreendimentos fascistas desencadeados a propósito dos acontecimentos da Hungria.

Que a classe operária francesa se não deixe enganar pela reacção, que pretenda fazer crer que a causa do socialismo sai manchada com os acontecimentos da Hungria. Pelo contrário, o povo

húngaro sente-se orgulhoso com o seu regime socialista e não consentirá que o afastem dele.

Outro terreno existe em que o povo húngaro e o povo francês têm tarefas comuns. Se os contra-revolucionários tivessem triunfado na Hungria, era a ameaça directa duma nova guerra. Os factos provam que eles tinham por objectivo meter uma cunha no campo dos

países socialistas e comprometer a segurança de todo o campo socialista.

O apelo de Imre Nagy à O.N.U., sob a capa da neutralidade, punha na realidade ele também a Hungria e os outros povos à beira da guerra. Era também uma ameaça contra o povo francês, ameaça que nenhum partidário da paz subestimar.



(TRADUZIDO DE «L'HUMANITÉ» DE 19-11-56)